

# HEGEL

Georg Wilhelm Friedrich

CIÊNCIA DA LÓGICA  
1. A doutrina do Ser

 EDITORA  
VOZES

  
EDITORA UNIVERSITÁRIA  
SÃO FRANCISCO

pensamento humano

**Georg Wilhelm Friedrich Hegel**

# **CIÊNCIA DA LÓGICA**

1. A doutrina do ser

 EDITORA  
VOZES  
Petrópolis

 EDITORA UNIVERSITÁRIA  
SÃO FRANCISCO  
Bragança Paulista



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831.

Ciência da lógica : 1. A doutrina do ser / Georg Wilhelm Friedrich Hegel ;  
[traduzido por Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini]. –  
Petrópolis, RJ : Vozes ; Bragança Paulista, SP : Editora Universitária São  
Francisco, 2016 – (Coleção Pensamento Humano)

Título original : Wissenschaft der Logik : 1. Erster Teil. Die objektive Logik.

Erstes Buch: Die Lehre vom Sein

Bibliografia

ISBN 978-85-326-5385-7 – Edição digital

1. Lógica I. Título. II Série.

16-05284

CDD-160

Índices para catálogo sistemático:

1. Lógica : Filosofia 160

Título original em alemão: *Wissenschaft der Logik I. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch: Die Lehre vom Sein.*

Traduzido do original alemão publicado pela Editora Suhrkamp: Georg Wilhelm Friedrich Hegel Werke in 20 Bänden mit Registerband: Band 5.

© desta tradução:  
2016, Editora Vozes Ltda.  
Rua Frei Luís, 100  
25689-900 Petrópolis, RJ  
[www.vozes.com.br](http://www.vozes.com.br)  
Brasil

Editora Universitária São Francisco – Edusf  
Avenida São Francisco de Assis, 218  
Jardim São José  
12916-900 Bragança Paulista, SP  
[www.saofrancisco.edu.br/edusf](http://www.saofrancisco.edu.br/edusf)  
[edusf@saofrancisco.edu.br](mailto:edusf@saofrancisco.edu.br)  
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

## **CONSELHO EDITORIAL**

### **Diretor**

Gilberto Gonçalves Garcia

### **Editores**

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

José Maria da Silva

Marilac Loraine Oleniki

### **Conselheiros**

Francisco Morás

Leonardo A.R.T. dos Santos

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

### **Secretário executivo**

João Batista Kreuch

Equipe de tradução:

*Tradutores:* Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini

*Coordenador:* Agemir Bavaresco

*Colaboradores:* Michela Bordignon, Tomás Farcic Menk, Danilo Costa e Karl-Heinz Efken

*Editoração:* Fernando Sergio Olivetti da Rocha

*Diagramação:* Mania de criar

*Revisão gráfica:* Nilton Braz da Rocha

*Capa:* WM design

*Arte-finalização:* Editora Vozes

ISBN 978-85-326-5385-7 – Edição digital

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

# SUMÁRIO

*Apresentação*

*Nota dos tradutores*

*Prefácio à primeira edição (1812)*

*Prefácio à segunda edição*

*Introdução*

## **Primeiro livro – A Doutrina do Ser**

*Primeira seção: Determinidade (qualidade)*

Primeiro capítulo: Ser

Segundo capítulo: O ser aí

Terceiro capítulo: O ser para si

*Segunda seção: Grandeza (quantidade)*

Primeiro capítulo: A quantidade

Segundo capítulo: Quantum

Terceiro capítulo: A relação quantitativa

*Terceira seção: A medida*

Primeiro capítulo: A quantidade específica

Segundo capítulo: A medida real

Terceiro capítulo: O devir da essência

*Glossário*

*Textos de capa*

---

# APRESENTAÇÃO

---

A *Ciência da lógica* (*Wissenschaft der Logik*) é uma obra de dois volumes do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), a qual foi primeiramente publicada em Nuremberg, entre 1812 e 1816. A Lógica se estrutura em uma “Lógica Objetiva” – a Doutrina do Ser e da Essência – e uma “Lógica Subjetiva” – a Doutrina do Conceito. O primeiro volume da Lógica contém o primeiro livro, a Doutrina do Ser (1812), a primeira parte da Lógica Objetiva. O segundo volume da Lógica compreende o segundo livro, a Doutrina da Essência (1813), que ainda pertence à primeira parte da Lógica, isto é, à Lógica Objetiva, e a segunda parte da Lógica, a Lógica Subjetiva, ou seja, a Doutrina do Conceito (1816).

Considerando a recente comemoração do bicentenário da publicação da *Ciência da lógica* de Hegel no ano de 2012 e tendo em vista que esta obra de fundamental importância para o pensamento filosófico encontra-se traduzida para todos os principais idiomas (inglês, italiano, francês, espanhol, chinês, japonês e russo), verificou-se a necessidade de oferecer aos falantes do idioma português, a sexta língua mais falada no mundo, a oportunidade de terem acesso, em seu próprio idioma, a esta importante obra filosófica.

O presente projeto de tradução e publicação foi uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, através do Prof.-Dr. Agemir Bavaresco (Coordenador do PPG em Filosofia da PUCRS) e do Prof.-Dr. Christian Iber, objetivando a publicação de uma das principais obras do pensamento de Hegel a partir do esforço conjunto de uma equipe de convidados e colaboradores. A finalidade desta publicação é tornar o texto

hegeliano acessível para os falantes da língua portuguesa destes países: Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Timor Leste, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Guiné Equatorial.

A obra traduzida constitui, seguramente, uma das mais importantes contribuições da filosofia alemã do século XIX à história da filosofia. A não tradução desta obra implica para os lusofalantes, de modo geral, uma grande lacuna no conhecimento da história das ideias ocidentais e, em particular, da cultura e filosofia alemã. Em relação à filosofia de Hegel, isso encerra, sobremaneira, o perigo de afetar a capacidade de acompanhar os debates internacionais acerca do seu pensamento.

O projeto de tradução está, internacionalmente, articulado em parceria com colegas na Alemanha, tais como: Profa.-Dra. Lore Hühn (Universidade de Friburgo), presidente da Sociedade Schelling Internacional, Prof.-Dr. Markus Gabriel (Universidade de Bonn) e Prof.-Dr. Andreas Arndt (Universidade Humboldt de Berlim e presidente de honra da Sociedade Hegel Internacional).

A tradução do primeiro volume da *Ciência da lógica* ora apresentada, a Doutrina do Ser, que vem a lume pela Editora Vozes, apenas foi possível através de um trabalho em equipe, a qual está assim constituída: Tradutores: Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini; Coordenador: Agemir Bavaresco; Colaboradores: Michela Bordignon, Tomas Farcic e Karl-Heinz Effen.

Elaborada na sequência da *Fenomenologia do Espírito*, a *Ciência da lógica* desenvolve uma lógica, que, como ciência primeira, é ao mesmo tempo metafísica. Ela adere à filosofia do *logos* de Heráclito e à dialética de Platão e pretende, recorrendo a Aristóteles, apresentar-se, ao mesmo tempo, como uma metafísica ontoteológica. Esta obra pertence aos escritos filosóficos mais influentes da Modernidade e da Contemporaneidade e desempenha um papel significativo em muitas correntes filosóficas, como no marxismo, na escola de Frankfurt, na hermenêutica filosófica, na filosofia

analítica e na teoria da ciência. Muitos filósofos discutiram e discutem intensivamente seus conteúdos.

A *Ciência da lógica* é a “ciência do pensar puro”, que tem por princípio e base o “saber puro” (p. 29)<sup>[1]</sup>, assim como ele, no fim da *Fenomenologia do Espírito*, se põe em evidência como resultado da sequência das figuras da consciência, no qual a oposição da consciência do sujeito e do objeto se unificou numa unidade do conceito e do ser e, com isso, estabelece o âmbito do pensar puramente conceitualizante, o qual tem, ao mesmo tempo, um significado ontológico. Nesse âmbito do lógico, que antecede e serve de base ao ser da natureza e do espírito humano, efetua-se o desenvolvimento conceitual da Lógica. O tema da Lógica são as “formas necessárias e as próprias determinações do pensar” (p. 53) que foram transmitidas pela metafísica tradicional, pela filosofia transcendental, pela lógica formal e pelas ciências. No pensar e na consciência natural, essas formas estão desde sempre relacionadas com conteúdos objetivos, enquanto a Lógica as considera puramente por si. Consequentemente, o conteúdo da Lógica não é outra coisa do que essas próprias formas do pensar, que são discutidas na sua conexão genética.

Na tradução do primeiro livro da *Ciência da lógica* de Hegel aqui apresentada, isto é, a Doutrina do Ser, trata-se do texto da segunda edição de 1831, a qual foi publicada em 1832. Frente à primeira edição da Doutrina do Ser de 1812, a segunda edição é consideravelmente mais ampla. Há que se destacar, aqui, o prefácio à segunda edição, no qual Hegel se esforça exaustivamente para eliminar os equívocos que se mostraram na recepção da primeira edição, bem como três observações – que na edição original compreendem mais de 100 páginas – sobre o infinito matemático e um excuro, na seção sobre a medida, sobre, à época, novas abordagens na química.

A Lógica do Ser está dividida em três seções: determinidade (qualidade), a grandeza (quantidade) e a medida. A presente apresentação do texto se orienta pela derivação categorial da lógica hegeliana do ser. Invertendo a prioridade da quantidade sobre a qualidade em Aristóteles e

Kant<sup>[2]</sup>, a Lógica do Ser começa com a seção “determinidade” (qualidade). Em Hegel a prioridade da qualidade sobre a quantidade está fundamentada no fato de que a quantidade constitui o mais abstrato frente à qualidade; a qualidade, portanto, está pressuposta à quantidade<sup>[3]</sup>. A diferença entre a determinidade qualitativa e quantitativa consiste no fato de que a determinidade qualitativa é determinidade “*que é*” (p. 113). Ela é determinidade que é, porque ela está numa unidade imediata com o ser, de modo que sua alteração também altera o próprio ser. A quantidade, pelo contrário, é a “qualidade que se tornou negativa”, ou seja, “a qualidade supressumida que se tornou indiferente” (p. 82). A questão pelo “quanto” pressupõe a questão “de o quê” como já resolvida. A quantidade é a determinação indiferente, que pode ser alterada sem que a própria Coisa perca sua identidade.

I. Determinidade (qualidade): Hegel não discute, porém, somente a determinidade qualitativa antes da quantitativa, mas dentro da seção sobre a qualidade trata primeiramente o ser na sua “imediatez indeterminada” (p. 85). O primeiro capítulo, sob o título “ser”, tematiza primeiramente o *ser* puro, indeterminado, então o *nada* puro e o *dever* como unidade inquieta do ser e do nada, cujos momentos são o *nascer* e o *perecer*. O *dever* desaba, por fim, no *ser aí* como unidade quieta, unilateral e imediata do ser e do nada. O início da lógica hegeliana e o movimento dialético do ser puro, através do nada e do *dever*, para o *ser aí* como ser determinado, assumem um *status* especial dentro da Lógica do Ser, porque aqui Hegel pretende deduzir o ser determinado a partir do ser puro como a base inicial de derivação de todas as demais categorias.

A primeira seção da Lógica do Ser compreende, além da lógica do ser, do nada e do *dever*, a lógica da qualidade em sentido mais estrito, a lógica do ser aí (segundo capítulo) e a lógica do ser para si (terceiro capítulo). Com isso, mostram-se as diferenças no desenvolvimento categorial entre a primeira e a segunda edição do primeiro livro da *Ciência da lógica* de 1812

e de 1831. Precisamente o capítulo sobre o ser aí foi reestruturado completamente na segunda edição.

Diferentemente do ser puro, o *ser aí* está determinado e sua *determinidade*, tomada como determinidade que é, é *qualidade*, que, por sua vez, distingue-se em *realidade* e *negação*. Na medida em que esta diferença no ser aí está negada e suprassumida, o ser aí é *o que é aí*, ou seja, o *algo* como *primeira negação da negação*. Frente ao algo se afirma *um outro*, que é ele mesmo *algo*. Algo e outro são, em primeiro lugar, ambos algo e, em segundo lugar, ambos outros um para o outro. Em terceiro lugar, sua alteridade tem que, portanto, também ser pensada como o *outro em relação a si mesmo* ou o *outro de si mesmo*. A partir do outro autorrelacionante, que a partir de si mesmo se volta contra si, resulta, diferentemente do algo simples original, o *algo idêntico a si mesmo*, que se distingue do seu ser outro. Em relação ao algo assim pensado, seu *ser em si* se pode distinguir do seu *ser para outro*, cuja unidade forma a *determinação*. Diante da *determinação* do algo está a sua *constituição*. Da sua unidade resulta o *limite* do algo. Enquanto limitado, o algo é *finito*. O finito é um caso especialmente persistente da negação autorrelacionante, a contradição do parecer permanente, da relação negativa consigo do negativo. No finito, o limite é rebaixado à *barreira* e o ser em si, ou seja, a determinação, ao *dever ser*. Da dialética da barreira e do dever ser resulta, por fim, a suprassunção do finito no *infinito*, que, primeiramente, está na determinação recíproca com o finito e, por conseguinte, é o *infinito finitizado*. Da dialética da determinação recíproca do finito e do infinito resulta o *infinito verdadeiro* ou *afirmativo* como unidade do infinito e do finito, no qual o finito não é mais real, mas ideal. O infinito afirmativo é a realidade em sentido elevado. Na lógica do ser aí Hegel fundamenta a necessidade do idealismo objetivo, que está dada com a categoria da infinitude afirmativa. Com o ponto de vista da infinitude Hegel ganhou um padrão de medida para a crítica a outros pontos de vista filosóficos. Hegel critica a ontologia tradicional das substâncias individuais, a filosofia transcendental kantiana e fichteana, bem como a filosofia da absolutidade de Schelling.

O infinito não é apenas devir, mas também ser, e precisamente *ser para si*, no qual “o *ser qualitativo* está *plenamente realizado*” (p. 163). “O ser para si é [...] a infinitude que desabou no ser simples” (p. 164). No ser para si, o outro não é nenhum outro real fora dele, mas apenas um momento ideal nele, ele é *ser para uno*. Essa nova situação lógica Hegel esclarece por meio da estrutura autorrelacionante da *autoconsciência*. Ser para si e ser para uno não são dois diversos estados de coisas, mas dois aspectos de uma única idealidade do ser para si, portanto, de um e do mesmo estado de coisas. Sua diferença desaba, por conseguinte, em imediatidade, ou seja, no ser. Ambos os momentos reúnem-se em um *ente para si* real ou *uno*. Em virtude do *vazio*, o uno indivisível e imutável *se repele* de si, repele-se até tornar-se múltiplos unos. Com isso, Hegel desenvolve a base lógica do atomismo, da doutrina dos átomos no *vazio*. A *repulsão* do uno em múltiplos unos passa para a *atração* dos múltiplos no uno. O pensamento da unidade do uno e do múltiplo esclarece a retomada hegeliana da dialética platônica do *Parmênides*. Da repulsão e da atração resulta o *único uno da atração*, o uno preenchido, que contém o múltiplo dentro de si. Com essa unidade da repulsão e da atração, a lógica do ser se encaminha para a *quantidade*.

Essencial para essa transição é o momento da unidade contido no ser para si. A lógica da qualidade termina com a unidade do uno e do múltiplo na sua atração e repulsão. Isso conduz à determinação do uno, que contém o múltiplo como suprassumido em si e é ele mesmo apenas como um suprassumido. A categoria sintética assim formada a partir do uno e do múltiplo é a *grandeza*. O processo do uno contém, portanto, o uno “por todos os lados como um suprassumido” (p. 184). Com isso, a imediatidade do uno, a qual afeta o ser na lógica da qualidade, está eliminada e a contradição de múltiplos unos indeterminados e do uno numericamente idêntico está resolvida. Na verdade, considerado mais de perto, não a contradição do ser como tal, como no fim da lógica do ser, mas a contradição da sua determinidade qualitativa é o que está resolvido com a transição para a determinidade quantitativa.

II. A grandeza (quantidade): a diferença decisiva entre qualidade e quantidade consiste, como vimos, no fato de que, apesar da alteração da quantidade, a identidade daquilo que é alterado continua subsistindo. Um objeto permanece o que ele é independentemente do fato de ele ser feito maior ou menor. Aquela determinidade, portanto, frente à qual o ser é indiferente, com a qual ele não se altera quando ela se altera, não é mais qualidade, mas quantidade. O ser como o substrato lógico do desenvolvimento assumiu, por conseguinte, a figura de uma determinidade, cujas contradições ulteriores lhe são por enquanto indiferentes.

Hegel distingue entre a *quantidade pura*, indeterminada e a *quantidade determinada*, o *quantum*. Assim, o espaço como tal é um exemplo da quantidade pura. Se se fala, ao contrário, de um espaço determinado, então ele é um exemplo da quantidade determinada. Ambos os conceitos, atração e repulsão, que estão supressumidos na categoria da quantidade, aqui são desenvolvidos até tornar-se os momentos da *continuidade* e da *discrição* (separação). Também esses dois conceitos se pressupõem reciprocamente. Continuidade significa que está dado um “algo” que prossegue sem interrupções. Inversamente, também o conceito da discrição pressupõe o da continuidade; pode-se apenas separar sob a pressuposição de que já esteja presente algo não separado, a saber, uma “unidade conectante, sólida (p. 211), da qual quaisquer itens discretos podem ser separados.

Para a grandeza (quantidade) é essencial que ela possa ser alterada sem tornar-se qualitativamente algo outro. A quantidade é a determinação do pensamento com a qual a matemática se ocupa. Portanto, na *Lógica do Ser*, Hegel está voltado também para uma fundamentação lógica da matemática. Um quantum é uma grandeza determinada, que sempre se pode expressar por um *número*. O conceito de número cai, em virtude disso, sob a categoria do quantum. Um número tem dois momentos: ele está determinado como *valor numérico* e como *unidade*. O conceito do valor numérico como uma soma de unos inclui o conceito de discrição (separação), o conceito da unidade inclui, pelo contrário, a continuidade.

Hegel tematiza a quantidade pura (continuidade e discrição), a limitação da quantidade no quantum, a estrutura lógica do número e as operações de cálculo da aritmética. Aqui se mostra que a potenciação, a relação de potências, o elevar ao quadrado já contém o aspecto qualitativo da quantidade. Isso é o germe para a superação da categoria da quantidade como um todo. Segue-se a apresentação da grandeza extensiva e intensiva.

Um quantum pode ser uma *grandeza intensiva* ou *extensiva*. Uma grandeza intensiva (p. ex., uma sensação de cor ou uma sensação de calor) se deixa caracterizar com ajuda do conceito de *grau* – o qual, conforme a grandeza, tem mais ou menos intensidade. Grandezas extensivas (p. ex., distâncias ou volumes) não têm nem grau nem intensidade. Sobre grandezas extensivas, decide-se mediante um padrão de medida aplicado. Grandezas intensivas, pelo contrário, não podem ser determinadas por nenhum padrão de medida exterior a elas. Apesar da diferença entre grandeza extensiva e grandeza intensiva, que mostra sua irreduzibilidade uma a outra, é preciso desenvolver também sua identidade, que diz que com o recolher do múltiplo em uno ocorre um desdobramento do simples no múltiplo.

O apogeu da lógica da quantidade consiste na apresentação da alteração do quantum, do progresso infinito e da verdadeira infinitude quantitativa, sobretudo nas observações 1 e 2 sobre a infinitude do quantum. Já a alteração do quantum é o fundamento para o cálculo infinitesimal. Hegel compreende a determinação de dois conceitos, de duas categorias lógicas do pensar puro que podem explicar as operações da matemática superior: o *progresso infinito quantitativo* e a *relação de potências*, ou seja, a *má infinitude* e a *verdadeira infinitude*, mostrando que a última escapa necessariamente ao procedimento matemático tradicional. O progresso infinito é para Hegel a expressão da contradição não resolvida do quantum como tal, para a qual os matemáticos (Newton, Leibniz, Euler, Langrange e Cauchy) ainda não encontraram nenhuma solução. O problema é que os matemáticos tratavam a superação do quantum ainda de maneira quantitativa. Hegel mostra que a partir das relações de potências vem à tona um *conceito* de função diferencial que aponta para uma *dimensão qualitativa* do cálculo

infinitesimal. Assim, na observação 1 “A determinidade do conceito do infinito matemático” (p. 257), Hegel desenvolve uma concepção qualitativa do conceito da função diferencial. A afirmação de Hegel é que no cálculo diferencial não se trata de quaisquer funções, mas de relações de potências. O limite da função diferencial ( $y^2/x = p$ ) não é outra coisa do que a quadratura de  $f(x)$ . Com isto está descoberto o *conceito* do procedimento da análise superior, o verdadeiro *conceito* do *limite* da função diferencial, que inclui a suprassunção do quantum como quantum. Com isso, Hegel se opõe de modo radical à definição do limite de Cauchy e a sua axiomatização da aritmética. A Hegel interessa apreender o conceito daquilo que a matemática faz. Nesse caso, não se trata de uma crítica da matemática, mas antes de uma crítica da autointerpretação da matemática e também de uma certa interpretação filosófica da matemática (Leibniz, Kant, Schelling, Newton etc.).

Com a *relação quantitativa*, que se diferencia na relação direta, na relação inversa e na relação de potências, alcança-se, na relação de potências, uma grandeza reflexiva, determinada por meio de si mesma. A relação quantitativa continua a ser uma determinação quantitativa, mas ela agora não é mais arbitrariamente aumentável e redutível, como é essencial para a grandeza. Sua “indiferença frente à determinidade” (p. 349), quer dizer, frente à qualidade, está, com isso, suprassumida. A grandeza determinada reflexivamente por meio de si mesma na relação de potências tem, desse modo, novamente um momento qualitativo, o qual é associado por Hegel à *categoria da medida*: “a medida é a relação simples do quantum consigo, sua determinidade própria nela mesma; assim, o quantum é qualitativo” (p. 357).

III. A medida: a doutrina da medida trata da *unidade da qualidade e da quantidade*. Em exemplos plásticos Hegel esclarece o caráter dessa unidade. Assim a alteração quantitativa da temperatura da água conduz aproximadamente a uma modificação do seu estado. Ela congela ou torna-se vapor (cf. p. 399). Pela medida de uma coisa está definido um limiar, em

relação ao qual o excesso quantitativo provoca um salto qualitativo pelo qual a qualidade da coisa é alterada e ela mesma se muda para uma coisa qualitativamente outra. Esse processo Hegel denomina como “linha nodal de relações de medida” (p. 395). Hegel distingue três espécies de medida: medidas mecânicas, químicas e orgânicas. Na lógica da medida, Hegel se interessa por uma fundamentação lógica da física, da química e da biologia, parcialmente até mesmo da astronomia. Na tradição marxista da dialética materialista em Engels e Lenin, a lógica da medida desempenhou um papel importante (transmutação da quantidade em qualidade).

O desenvolvimento da medida está caracterizado por uma tríade. A primeira metade da seção sobre a medida começa com a medida como unidade imediata da determinação qualitativa e quantitativa e conduz à concreção plenamente realizada dessa unidade que está circunscrita pela determinidade da medida da “linha nodal de relações de medida”. Na série das medidas, a “linha nodal” está exatamente no meio (segundo capítulo, seção B). Nela, a qualidade e a quantidade estão *postas* na sua unidade, quer dizer, a unidade delas se tornou explícita. A diferença qualitativa vale igualmente apenas como determinidade quantitativa indiferente, tal como a diferença quantitativa se especifica em relação à determinidade qualitativa. Apresentando-se como essa unidade completa das determinações (qualidade e quantidade) do ser, a “linha nodal” marca o ponto de virada no desenvolvimento da lógica do ser.

Na segunda metade da seção sobre a medida, o processo lógico procede em direção à dissolução da medida e, com isso, da esfera do ser como um todo. Este processo já se torna saliente pelas expressões “O sem medida” (p. 400) e “O devir da essência” (p. 403). O conceito de “sem medida” é a última determinidade da medida e, simultaneamente, a primeira determinidade da sua dissolução. Na dialética das medidas, que conduz à dissolução delas no sem medida, Hegel tenta mostrar que as diferenças qualitativas das coisas não possuem mais nenhuma autonomia, mas estão “rebaixadas” (p. 402) a momentos evanescentes ou a meros “estados” (p.

402) de um substrato comum subjacente. Para este substrato de caráter de ser Hegel introduz o conceito de “indiferença absoluta” (p. 411).

Como é preciso conceber a transição da Lógica do Ser para a Lógica da Essência? No fim da Lógica do Ser, com a indiferença absoluta, engendra-se uma “contradição omnilateral” (p. 408), que não pode mais ser resolvida pelo ser, ou seja, por um desenvolvimento categorial ulterior do ser, porque ela se apodera do ser como o substrato firme do próprio desenvolvimento da Lógica do Ser. A negação de sua determinidade atinge agora o próprio ser. Na indiferença pela sua negatividade, o ser se volta contra si mesmo. Sua autonegação concerne também e justamente ao seu papel basilar como substrato que é em si de todo o desenvolvimento lógico.

Com isso se origina o problema de como é possível o pensamento de uma unidade na qual o ser e a negatividade não são mais duas coisas distintas, logo, não estão mais distintos na forma de substrato e de sua determinidade. O pensamento de uma unidade que se distingue de si mesma conduz à segunda parte da Lógica Objetiva, a Doutrina da Essência.

Do ponto de vista da teoria da negação, a Lógica do Ser se move – no terreno do ser que alcançou o caráter de substrato – entre a negação simples ou primeira, como a qual Hegel interpreta a determinidade, e a negação dupla autorrelacionante, isto é, a suprassunção da determinidade. Na Lógica do Ser, a negação dupla autorrelacionante permanece confundida com o ser. Na Lógica da Essência, a negatividade, na medida em que ela não está mais vinculada ao ser, torna-se absoluta.

Aquilo que o método da Lógica do Ser não alcança é a questão pela *constituição da determinidade como determinidade*. Apenas a perspectiva da Lógica da Essência permite compreender esta questão. Pois somente a Lógica da Essência tem por objeto as categorias da relação que se explicam reciprocamente a partir de uma da outra. Na Lógica do Ser, a negatividade do processo lógico da determinação permanece ainda preso ao ser com caráter de substrato. Ela desaba, portanto, sempre de novo na imediatidade simples e no ser. Visto que o ser que remete todas as determinidades do ser à

conexão da mediação do ser como um todo se mostra como indiferença absoluta, na qual todas as determinidades do ser sucumbem, ele não pode ser explicado ulteriormente. Do colapso do processo de determinação da esfera do Ser na indiferença absoluta se engendra a necessidade de passar para a essência.

O conceito que se segue ao conceito de indiferença tem que ser, portanto, o conceito de uma unidade que dá a si mesma suas determinações. Esse conceito é, para Hegel, o conceito da essência, que, em virtude da sua negatividade absoluta, livre do ser, determina apenas a si mesmo. Diferentemente do ser que tem caráter de substrato, a essência é uma estrutura lógica autônoma que é capaz de evoluir a partir de si mesma.

A essência é o conceito que vem na sequência do ser. Na medida em que o ser chega ao limite da explicação das suas determinações e, com isso, se depara, ao mesmo tempo, com o limite da sua autoexplicação, ele exige uma nova forma universal de explicação das determinações, a qual seja capaz de superar a deficiência da forma da explicação do ser. A essência é o princípio da explicação de tais determinações que se desdobram reciprocamente a partir de uma da outra. Tais determinações não são mais determinações que *são*, mas que estão *postas*.

Porto Alegre, Junho de 2016  
Christian Iber

---

[1]. Doravante, a *Ciência da lógica I* de Hegel é citada conforme o número de páginas da presente edição.

[2]. Cf. ARISTÓTELES. *Órganon*. Bauru: Edipro, 2005, 608p., p. 39-80: *Categorias*, 5b11s., 6a20s., 10b13s., 10b26s. [Trad. do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini]. Cf. KANT. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, A 70s., A 80s. e B 96s., B 104s. [Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão].

[3]. Num suplemento ao item “Com o que precisa ser feito o início da ciência?” sob o título “Divisão geral do ser”, Hegel presta contas da composição e da divisão categorial da sua Doutrina do Ser (cf. p. 69s.).

# ————— NOTA DOS TRADUTORES —————

O primeiro livro da *Ciência da lógica* foi publicado pelo editor J.L. Schrag em Nuremberg e recebeu uma tiragem de mil exemplares. O esgotamento gradual das cópias induziu o próprio Schrag a empreender uma segunda edição. Hegel aceitou e aproveitou a ocasião para remediar a imperfeição na qual, a seu ver, a primeira edição ainda se encontrava. A nova edição foi levada a cabo em 1831, conforme a datação contida no segundo Prefácio, escrito por Hegel depois de ele ter terminado a obra. Por causa da imprevista morte do filósofo, que ocorreu uma semana depois da data do segundo Prefácio, a segunda versão da Doutrina do Ser foi publicada postumamente em 1832 pelo editor J.F. Cotta de Stuttgart.

A presente tradução, baseada na segunda edição da “Doutrina do Ser”, foi extraída do volume quinto da edição das obras completas de Hegel na redação de Karl Markus Michel e Eva Moldenhauer. Esta edição, chamada de *Theorie-Werkausgabe* (TWA), foi publicada em vinte volumes pela editora Suhrkamp entre 1969 e 1971.

Quanto ao estilo da presente tradução, resolvemos, sobretudo, respeitar a articulação lógica da apresentação hegeliana, procurando levar o português aos limites de suas possibilidades expressivas e, às vezes, além delas, com base na convicção de que a tarefa do tradutor não é aquela de enfeitar o estilo hegeliano, notadamente áspero e tortuoso, mas antes de permitir ao leitor acompanhar a ordem teórica do discurso. Raramente a pontuação sofreu alterações, que, em todos os casos, foram feitas com o cuidado de não quebrar a sinuosidade dos períodos hegelianos.

O objetivo principal dos tradutores foi duplo: em primeiro lugar, disponibilizar a primeira tradução integral de um clássico da história da filosofia para o amplo público falante de português; em segundo lugar, evitar as oscilações ou as imprecisões lexicais que impediriam o uso seguro da tradução como instrumento de estudo específico.

Na execução do trabalho, os tradutores levaram em consideração as outras principais edições de língua portuguesa das obras hegelianas, especialmente a tradução da *Lógica da Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830), feita por Paulo Meneses. Além disso, consultaram-se a tradução inglesa e a italiana da “Doutrina do Ser” de 1832, feitas respectivamente por George di Giovanni e Arturo Moni. Onde as correspondências o consentiam, foram consideradas também a tradução espanhola de Félix Duque e a tradução francesa de J.P. Labarrière e G. Jarczyk da primeira edição (1812) da Doutrina do Ser.

Contudo, a ajuda das traduções existentes não pôde nos isentar de enfrentarmos numerosas questões controversas acerca da escolha das correspondências lexicais de alguns dos termos mais relevantes da linguagem filosófica de Hegel. No *Glossário*, colocado ao fim do presente volume, o leitor poderá verificar em detalhes tais escolhas lexicais. Algumas das escolhas já estão indicadas em notas de rodapé assinaladas como *Notas dos tradutores* [N.T.].

Aqui, apontamos as principais escolhas de alguns termos técnicos que precisam ser justificados:

- *Aufheben*. A fim de dispor de um verbo que pudesse expressar as três nuances de *aufheben* (isto é: negar, conservar, elevar), resolvemos seguir a solução já oferecida por Paulo Meneses: o neologismo *suprassumir*. Este verbo foi cunhado justamente para significar o caráter progressivo de uma ação que, ao mesmo tempo, realiza um suprimir [sumir], um conservar [assumir] e um elevar [supra+assumir]. A nosso ver, as outras opções disponíveis estão afetadas por unilateralidades ou evidentes diferenças

semânticas, que podem ser fonte de uma compreensão desviante do texto hegeliano, como por exemplo, “superar”, “remover” ou “suspender”.

- *Dasein*. A fim de manter a relação com *Sein* (ser) e de diferenciar do termo *Existenz* (existência), provido de significado próprio no segundo livro da *Ciência da lógica*, a Doutrina da Essência, optamos por traduzir como *ser aí*, onde *Dasein* assume uma determinação rigorosa no vocabulário lógico de Hegel. Achamos que uma confusão na tradução de *Dasein* e de *Existenz* conduziria ao apagamento de uma distinção teórica relevante do texto hegeliano. Todavia, resolvemos traduzir *Dasein* por “existência” apenas nas passagens onde Hegel faz explícita referência às provas da existência de Deus, pois nesse caso era preciso fazer valer o significado tradicional do termo, não rigorosamente especulativo.

- *Das Seiende/Daseiende*. Enquanto a tradução do termo *Sein* por “ser” é incontroversa e consolidada, isso não se pode dizer do particípio presente substantivado do verbo “ser”, a saber, *das Seiende*. As soluções viáveis para o termo em questão eram as três seguintes: “o que é”, “o essente” (solução de Meneses) e “o ente”.

Resolvemos optar por “o ente”, recorrendo, assim, à forma nominal importada do verbo “ser” em latim, por falta de um correspondente português do particípio presente alemão. Usamos a frase relativa para traduzir o particípio *seiend* onde ele desempenha a função de adjetivo, como, por exemplo, na expressão “*seiende Bestimmtheit*”, traduzida por “determinidade que é”. Normalmente, em todos os casos nos quais o particípio presente no original alemão tinha a função de adjetivo, resolvemos traduzi-lo mediante a frase relativa.

A escolha do vocábulo “ente” não responde apenas a uma necessidade gramatical. A ela vai atrelada uma questão de conteúdo. De fato, pretendemos deixar claro que Hegel queria referir-se ao termo por excelência dos tratados escolásticos de metafísica geral, a saber, o termo *Ens*, a fim de propor uma reconstrução de todos seus desdobramentos

categoriais. Justamente por isso, “ente” constitui evidentemente a tradução mais fiel do termo latino.

Descartamos, então, a opção “essente”, pois ela evoca uma proximidade desviante (pelo menos no âmbito da “Doutrina do Ser”) com o termo “essência”, associado a uma esfera de determinação do pensar a qual Hegel cuidadosamente diferencia da esfera do ser. Também descartamos a tradução de *das Seiende* pelo gerúndio “o sendo/o que está sendo”, assim como evitamos traduzir *seiend* como “que está sendo”. No caso do particípio substantivado, “o sendo” é um uso gramaticalmente incorreto do gerúndio, ao qual não corresponde nada semelhante no original alemão. No caso de particípio com função de adjetivo, “o que está sendo” parece mais apto a expressar um estado transitório de coisas do que a firmeza de uma categoria, cuja consideração lógica requer a abstração dos caracteres espaciais e temporais da experiência.

As mesmas motivações se aplicam, com uma leve modificação, aos termos *das Daseiende* e *daseiend*, traduzidos respectivamente por “o que é aí” e “que é aí”. Nesse caso, o uso da frase relativa para ambas as funções do particípio visa evitar tanto o caráter bizarro de expressões como “o ente aí” ou “o essente aí” quanto a redundância de “o ente que é aí”.

- *Eins/Vieles*. Resolvemos traduzir esta dupla por “uno” e “múltiplo”, distanciando-nos da tradução de Meneses, que escolheu “Uno” e “Muitos”. Cada termo da dupla em questão aparece no singular e no plural. No caso do singular, *das Eins* ou *ein Eins* foram traduzidos respectivamente como “o uno” e “um uno”, enquanto *das Viele* ou *ein Vieles* foram traduzidos por “o múltiplo” e “um múltiplo”. No caso do plural, *die Eins* foi traduzido por “os unos”; *die Vielen*, por “os múltiplos”. O caso misto *das viele Eins* foi traduzido por “o uno múltiplo”.

Resolvemos não traduzir *Eins* por “um”, a fim de evitarmos tanto a sobreposição com a função do artigo indefinido quanto a confusão categorial do “uno”, determinação do ser qualitativo, com o número um (1), deduzido somente dentro da categoria da quantidade. Além disso, para mantermos a

diferença entre o plano lógico e o plano matemático de consideração dos números, mantivemos a tradução de *Eins* por “uno” também no interior da seção sobre a quantidade.

- *Inbegriff*. O termo foi traduzido por “sumo conjunto”, preferido à solução “suma” proposta por Meneses, na tentativa de reunir em uma única locução tanto a conotação do “conjunto de todas as realidades” quanto aquela de “suma” ou essência delas. Foi levada em consideração a possibilidade, desfrutada por alguns intérpretes, de traduzir o termo em questão por “conceito inclusivo/englobante”. Embora esta opção apresente a vantagem de conservar a referência a *Begriff* (“conceito”) como parte constituinte do termo, resolvemos deixar de lado a dita solução, a fim de poupar aos leitores a confusão com o termo especulativamente relevante *Begriff* (“conceito”), que, a nosso ver, implica uma crítica radical à noção tradicional de Deus como “sumo conjunto de todas as realidades”.

- *Wesen*. O termo foi sempre traduzido por “essência” onde ele designasse uma esfera específica de determinação do elemento lógico dentro da ciência ou a íntima verdade de alguma coisa, mas foi traduzido por “ente” nos casos referentes ou à tradição metafísica de reflexão sobre as entidades últimas que constituem o fundamento da realidade (p. ex., a mônada de Leibniz), ou ao uso de *Wesen* em compostos de uso comum, tais como *Vernunftwesen* (ente racional), *Gemeinwesen* (comunidade) etc.

- *Erscheinung*. Quando o termo se refere à linguagem especulativa hegeliana, traduzimos o termo por “aparecimento”. Optamos, no entanto, por manter a tradução por “fenômeno” quando o termo se refere ao idealismo transcendental de Kant e quando usado para designar os fenômenos explicados pelas ciências da natureza.

- *Beziehung/Verhältnis*. Traduzimos ambos os termos por “relação”, desconsiderando, neste caso, a diferença de termos alemães, por não encontrarmos termos em português que diferenciasssem ambos e mantivessem sempre um sentido adequado ao contexto. Em todos os casos, “relação”, a nosso ver, expressa bem o que é dito, adquirindo novo significado de acordo

com a progressão das categorias. Entretanto, dentro da esfera do ser, *Verhältnis* obtém um significado peculiar na seção sobre a medida, onde foi traduzido por “proporção” cada vez que o contexto o exigia.

- *Selbständigkeit*. O termo foi traduzido por “autossustentação”, com vistas a distinguir este termo tanto de “independência”, já usado para traduzir “*Unabhängigkeit*”, quanto de “autonomia”, que de imediato desperta a associação ao vocabulário específico da filosofia prática kantiana, onde corresponde aos termos “*Autonomie*” ou “*Selbstgesetzgebung*”. No uso comum do português, “autonomia” tem referências a âmbitos políticos e econômicos que não podem oferecer o critério para entender os usos técnicos do termo “*Selbständigkeit*” na Lógica de Hegel, onde o termo em questão designa duas situações estruturais distintas e até opostas. Do lado do pensar plenamente racional, trata-se da situação de uma determinação do pensar enquanto nega a independência de seus momentos abstratos, resolvendo-os em uma unidade abrangente e afirmativa, quer dizer, capaz de prestar conta da articulação processual de tais momentos. Do lado do pensar do entendimento ou da representação, a “autossustentação” indica a maneira na qual as determinações se apresentam, enquanto estão separadas uma da outra, incapazes de dar conta da própria conexão genética com as outras.

- *Ding/Sache*. Um único termo português foi usado para traduzir dois termos distintos do alemão, recorrendo, porém, a soluções gráficas diferentes: o termo *Ding* foi traduzido por “coisa”; *Sache*, por “Coisa”. A oportunidade de introduzir um elemento gráfico de diferenciação é motivada pela diferença teórica no significado dos termos em questão. Grosso modo, quando *Ding* não é por si mesma uma determinação lógica, ela expressa as entidades da natureza ou do espírito, como elas são imediatamente acessíveis à experiência comum, ao passo que *Sache* denota a essência objetiva das “coisas” (*Dinge*), enquanto elas são articuladas pelo pensar conceituante.

# — PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1812) —

A transformação completa que o modo de pensar filosófico tem sofrido entre nós desde aproximadamente vinte e cinco anos, o ponto de vista superior que a autoconsciência do espírito alcançou sobre si nesse período de tempo, teve até agora ainda pouca influência na configuração da *lógica*.

O que se chamou Metafísica antes desse espaço de tempo foi, por assim dizer, extirpado pela raiz e desapareceu da série das ciências. Onde ainda se podem ou se permitem escutar vozes da Ontologia anterior, da Psicologia racional, da Cosmologia ou até mesmo da Teologia natural anterior? Onde investigações, por exemplo, sobre a imaterialidade da alma, sobre as causas mecânicas e as causas finais deveriam ainda encontrar interesse? Também as outras provas da existência [*Dasein*] de Deus são aduzidas apenas historicamente ou para a edificação ou elevação do ânimo. Isto é um fato: que o interesse, seja pelo conteúdo, seja pela forma da metafísica anterior, seja por ambos simultaneamente, está perdido. Assim como chama-nos a atenção quando para um povo se tornaram inúteis, por exemplo, a ciência do seu direito público, suas disposições de espírito, seus costumes e virtudes éticos, assim também é pelo menos digno de atenção quando um povo perde a sua Metafísica, quando nele o espírito que se ocupa com sua essência pura não tem mais um ser aí efetivo.

A doutrina exotérica da filosofia kantiana – de que o *entendimento não poderia ultrapassar a experiência*, caso contrário, a faculdade do conhecimento tornar-se-ia *razão teórica*, que, para si, daria à luz a nada

mais que *quimeras* – justificou, pelo lado científico, a renúncia ao pensar especulativo. Ao encontro desta doutrina popular veio a gritaria da pedagogia moderna, a miséria dos tempos, que dirige o olhar para a necessidade imediata, que, assim como a experiência seria o elemento primeiro para o conhecimento [*Erkenntnis*], também a inteligência teórica seria até mesmo nociva para a habilidade na vida pública e na vida privada e que o exercício e a formação prática seriam, em geral, o essencial e unicamente proveitoso. – Na medida em que a ciência e o senso comum colaboram assim entre si para levar ao declínio da Metafísica, pareceu ter provocado o espetáculo singular de ver *um povo culto sem Metafísica* – como um templo ricamente ornamentado, mas sem santíssimo. – A Teologia, que, em tempos anteriores, foi a guardiã dos mistérios especulativos e da Metafísica, [esta] embora dependente, tinha abandonado essa ciência em troca de sentimentos, do prático-popular e do histórico erudito. Corresponde a essa mudança o fato de que, em outro lugar, desapareceram aqueles *indivíduos solitários* que foram sacrificados pelo seu povo e segregados do mundo para que estivesse presente a contemplação do eterno e uma vida apenas a serviço disso – não por uma utilidade, mas pela bênção –; um desaparecimento que, em outro contexto, pode ser considerado na essência como o mesmo fenômeno daquele mencionado há pouco. – De modo que, após a expulsão dessas trevas, da ocupação incolor do espírito fechado em si consigo mesmo, o ser aí pareceu ter sido transformado no mundo agradável das flores, entre as quais não há, como se sabe, nenhuma *negra*.

Com a Lógica não aconteceu algo tão grave como com a Metafísica. Que se *aprenda a pensar* com ela, o que, aliás, valeu como sua utilidade e, portanto, como sua finalidade – assim como se somente se devesse aprender a digerir e a mover-se com o estudo da Anatomia e da Fisiologia –, esse preconceito se perdeu há muito tempo e o espírito do prático, decerto, não reservou para ela um destino melhor do que para sua irmã. A despeito disso, provavelmente em virtude de alguma utilidade formal, ainda lhe foi concedida uma colocação entre as ciências, já que ela mesma foi mantida como objeto do ensino público. Contudo, esta melhor sorte toca apenas o

destino exterior; visto que sua figura e conteúdo permaneceram o mesmo legado por uma longa tradição, mas nela se diluíram e perderam ainda mais peso; o espírito novo que se abriu à ciência não menos do que à efetividade nela ainda não se deixou sentir. Quando a forma substancial do espírito se transformou, é de vez por todas algo vão querer conservar as formas da formação anterior; elas são como folhas murchas que são repelidas pelos novos brotos que já foram gerados em suas raízes.

A *ignorância* da alteração universal inicia gradualmente a acabar também no [campo] científico. As outras representações se tornaram despercebidamente familiares e próprias até mesmo para os adversários, e se eles continuam a se melindrar com as fontes e os princípios daquelas e se comportam de modo contraditório contra esses, então eles tiveram que aceitar as consequências e não foram capazes de defender-se da influência das mesmas; a seu comportamento negativo, que se torna cada vez mais insignificante, eles não sabem de maneira alguma conferir uma importância positiva e um conteúdo, senão servindo-se dos novos modos de representação para participar das discussões.

Por outro lado, parece ter passado o tempo da efervescência com a qual uma nova criação começa. Em sua primeira aparição, tal criação costuma comportar-se com fanática hostilidade contra a sistematização propagada do princípio anterior, em parte também por estar temerosa em perder-se na extensão do particular, em parte, porém, por temer o trabalho que é requerido para a formação científica e na necessidade de tal [trabalho] valer-se, primeiramente, de um formalismo vazio. A exigência da elaboração e da formação da matéria se torna, então, ainda mais urgente. Há um período na formação de um tempo, tal como na formação do indivíduo, em que se trata principalmente da aquisição e afirmação do princípio em sua intensidade não desenvolvida. Mas a exigência superior almeja que ele se torne ciência.

O que, pois, já pode ter acontecido também em outra consideração para a Coisa e à forma da ciência, – a ciência lógica que constitui a própria metafísica ou a filosofia especulativa pura, se viu até o momento como ainda

muito negligenciada. O que compreendo mais precisamente acerca desta ciência e do seu ponto de vista, indiquei preliminarmente na *introdução*. A necessidade de começar mais uma vez desde o início com esta ciência, a natureza do próprio objeto e a falta de trabalhos anteriores que poderiam ter sido utilizados para a transformação intencionada, devem ser levados em consideração por críticos equânimes, ainda que um trabalho de muitos anos não tenha podido fornecer a essa tentativa uma maior perfeição. – O ponto de vista essencial é que se trata em geral de um conceito novo do tratamento científico. Como eu lembrei em outro lugar<sup>[1]</sup>, a filosofia, na medida em que ela deve ser ciência, não pode tomar de empréstimo para isso o seu método de uma ciência subordinada, como é a matemática, bem como tampouco pode contentar-se com garantias categóricas de uma intuição interior ou servir-se de raciocínios a partir de razões da reflexão exterior. Mas só pode ser a *natureza do conteúdo que se move* no conhecer científico, na medida em que ao mesmo tempo é apenas *esta reflexão própria* do conteúdo que põe e gera sua própria determinação.

O *entendimento determina* e mantém as determinações; a razão é negativa e *dialética* porque ela dissolve as determinações do entendimento em nada; ela é *positiva*, porque produz o *universal* e compreende o particular inserido nele. Assim como o entendimento costuma ser tomado enquanto algo separado da razão em geral, assim também a razão dialética costuma ser tomada enquanto algo separado da razão positiva. Mas em sua verdade a razão é *espírito*, que é mais elevado do que ambos, a razão entendedora ou entendimento racional. O espírito é o negativo, aquilo que constitui a qualidade tanto da razão dialética como do entendimento; – ele nega o simples, e assim ele põe a diferença determinada do entendimento; ele também a dissolve, assim ele é dialético. Contudo, ele não se conserva em nada deste resultado, mas é nisso igualmente positivo e, com isso, reestabeleceu aquele primeiro simples, porém, como o universal que é concreto em si; sob este universal não é subsumido um particular dado, mas naquele determinar e na sua respectiva dissolução o particular já se co-determinou. Esse movimento espiritual que em sua simplicidade fornece a si

a sua determinidade e, nesta última, sua igualdade consigo mesmo, movimento este que, com isso, é o desenvolvimento imanente do conceito, é o método absoluto do conhecer e, ao mesmo tempo, a alma imanente do próprio conteúdo. – Somente perseguindo este caminho que constrói a si mesmo afirmo que a filosofia seja capaz de ser ciência demonstrada, objetiva. – Desse modo, tentei apresentar a consciência na *Fenomenologia do Espírito*. A consciência é o espírito enquanto algo concreto e, na verdade, o saber preso na exterioridade; contudo, o movimento progressivo deste objeto, tal como o desenvolvimento de toda a vida natural e espiritual, baseia-se somente na natureza das *essencialidades puras* que constituem o conteúdo da Lógica. A consciência, enquanto o espírito que se manifesta e que, seguindo seu caminho, liberta-se da sua imediatidade e da concreção exterior, torna-se saber puro, o qual, por sua vez, toma para si mesmo como objeto aquelas *essencialidades puras* tais como elas são em e para si. Elas são os pensamentos puros, o espírito que pensa sua essência. O seu automovimento é sua vida espiritual e é aquilo pelo qual a ciência se constitui e do qual ela é a apresentação.

Com isso está indicada a relação da ciência, que chamo de *Fenomenologia do Espírito*, com a Lógica. – No que diz respeito à relação exterior [entre a *Fenomenologia* e a *Lógica*], decidiu-se por fazer acompanhar a primeira parte do sistema da ciência que contém a *Fenomenologia*, uma segunda que deveria conter a lógica, bem como ambas as ciências da filosofia real, a saber, a filosofia da natureza e a filosofia do espírito e, com isso, ter-se-ia concluído o *sistema da ciência*<sup>[2]</sup>. Entretanto, a amplitude necessária que a Lógica teve de admitir para si mesma levou-me a deixá-la vir a lume separadamente; ela constitui, portanto, em um plano mais amplo, o primeiro efeito da *Fenomenologia do Espírito*. Mais tarde prosseguirei na elaboração de ambas as mencionadas ciências reais da filosofia. – Este primeiro volume da Lógica contém, contudo, como primeiro livro, a *Doutrina do Ser*; o segundo livro, a *Doutrina da Essência*, como segunda seção do primeiro volume; o segundo volume, porém, conterá a *lógica subjetiva* ou a *Doutrina do conceito*.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Ciência da lógica: 1. A doutrina do se..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).